



**União Nacional dos Estudantes
Planejamento de Gestão 2013-2015**

APRESENTAÇÃO

Entre o cinza do asfalto e o azul do céu há milhões de sonhos, vozes, sentimentos. Entre uma esquina e outra, há milhares de faces pintadas de verde e amarelo, pintadas de alegria e esperança. Nos corações o desejo de fazer o novo e construir o futuro. A bandeira da União Nacional dos Estudantes tem a marca da combatividade dessa juventude e traz estampada em sua história a luta pela democracia e pelos direitos do povo e dos estudantes brasileiros

Gritamos ouvindo o eco que vem da Europa, onde a juventude e os trabalhadores resistem às medidas de austeridade e desemprego crescente, frutos da crise que assola os países centrais do capitalismo e mostra a sua face mais feroz. A financeirização da economia e o capital fictício geraram a maior crise da história do capitalismo, tendo como epicentro os Estados Unidos da América e os países europeus, deixando claros os limites do sistema.

Diante as fragilidades, os países imperialistas buscam formas de manter sua hegemonia no globo atacando a soberania do restante do mundo, principalmente tentando incidir na América Latina. A descoberta da espionagem ao Brasil pelos EUA e o desrespeito ao povo boliviano ao não permitir o pouso do vôo do presidente Evo Morales na França, Portugal e Itália, são reflexos das investidas no continente.

É necessária muita unidade e solidariedade entre os países latino americanos, o papel do Brasil é fundamental para fortalecer a integração e dar continuidade ao ciclo progressista vigente na América Latina, para isso nossa política externa precisa voltar a ser mais protagonista no cenário internacional, adotando posturas autônomas e de combate ao imperialismo.

No Brasil completamos dez anos de um ciclo que inverteu a lógica preponderante na década de 90 de diminuição e sucateamento do Estado, a luta e mobilização dos movimentos sociais brasileiros conquistaram avanços na educação, distribuição de renda e nas políticas sociais. Chegamos ao imite da conciliação de classes, temos uma série de limites não enfrentados em relação à política econômica e em reformas estruturais para romper as amarras que impedem o desenvolvimento pleno do país.

As Jornadas de Junho mudaram os rumos da luta de classes no Brasil. O levante dos indignados apontou um caminho e um método de transformação da realidade e avanços na conquista de direitos pela população. A voz das ruas ecoa a necessidade de ampliação de direitos e melhorias concretas no nível de vida da população.

As reivindicações são amplas: educação, saúde, moradia, democratização dos meios de comunicação, contra a criminalização da pobreza e dos movimentos sociais, etc. A defesa do transporte público de qualidade, com a redução das tarifas e a garantia do passe livre, foi importante catalisadora das mobilizações massivas de norte a sul do país. A situação de caos nas grandes cidades é agravada com o sucateamento e privatização do transporte coletivo: as altas tarifas excluem uma grande parcela da população do direito de ir e vir e somam hoje o terceiro maior gasto da família brasileira - além da péssima qualidade dos transportes públicos.

O país mantém altas taxas de juros, compromete grande parte do orçamento da União com a dívida pública, em 2012 foram 44% dos gastos foram consumidos pela dívida enquanto à saúde restaram pouco mais de 4%. Além disso, é preciso impulsionar as forças produtivas em face ao capital especulativo, combater o irresponsável e paradisíaco sistema financeiro e taxar as grandes fortunas. Assim, a destinação de 10% do PIB para a educação pública e os investimentos em saúde e moradia só será possível se o governo mudar as suas prioridades político-econômicas. Exigimos o fim do pagamento de juros e amortizações da dívida pública, bem como a realização de uma auditoria cidadã da dívida, para que estudantes e trabalhadores se apropriem deste debate e modifiquem as prioridades de investimentos no Brasil.

É preciso enfrentar os limites da propriedade no Brasil. O capital privado gera contradições e problemas desde a educação, com os tubarões do ensino aumentando

abusivamente as mensalidades sem garantir a qualidade do ensino aos estudantes, passando pelo latifúndio e a concentração de terra no campo, atualmente as grandes propriedades são cerca de 7% dos imóveis rurais e mesmo assim representam 51% da ocupação de terras, mais da metade do total e chegando ao monopólio da comunicação. Somente sete famílias detêm os meios de comunicação no país, com a propriedade cruzada dos veículos, além de jornais, revistas, TVs e rádios, possuem também as antenas de transmissão.

Por isso as reformas estruturantes são imprescindíveis para alterar as marcas conservadoras e desiguais do Estado brasileiro. A regulamentação do ensino privado, combater o capital estrangeiro nas universidades e garantindo a democracia e qualidade no interior das instituições, realizar uma reforma agrária que represente a realidade do campo brasileiro são urgentes e defender o patrimônio nacional dos interesses estrangeiros, fazendo o combate aos leilões do petróleo.

É central para consolidar a democracia brasileira democratizar a mídia e romper com o monopólio da comunicação, revisar os critérios de concessão e o investimento público em publicidade nos veículos privados, fixando mecanismos de controle social. Multiplicar a radiofusão comunitária e estimular a inclusão digital, fortalecendo a produção nacional e independente. A UNE participa da campanha “Para expressar a liberdade”, que busca a criação da Lei da Mídia Democrática, de iniciativa popular, montaremos comitês de recolhimento de assinaturas em apoio a lei em cada universidade.

Para mudar o Brasil é preciso mudar a política e combater a corrupção, para isso, defendemos a alteração do sistema eleitoral com o fim do financiamento privado das campanhas. O que vemos hoje são empresas influenciando diretamente nas decisões dos espaços que devem ser de representação popular, a reforma política é o principal instrumento para consolidar a democracia e precisa ser posta em prática. Assistimos ao engessamento do congresso nacional e a pouca vontade de promover mudanças, a mobilização popular é fundamental para garantir a realização do plebiscito popular pela reforma política, construído em conjunto com os movimentos sociais.

Nossa pressão não diminuirá também para conquistar as principais vitórias para a educação brasileira, no último período demos passos muito importantes na democratização do acesso à universidade, porém ainda são diversos os gargalos referentes à educação pública no Brasil.

Parte muito pequena dos jovens entre 18 e 29 anos estão no ensino superior, cerca de 17%, sendo a maior parte na educação privada, possuímos cerca de 13 milhões de analfabetos e o ensino básico com muitos problemas no currículo e na estrutura física. Para superar os entraves provoca por séculos da falta de investimento na educação pública, é necessário radicalizar no aumento do financiamento para a educação. Hoje apenas 5,65% do PIB é destinado a educação.

Seremos incansáveis na luta pela destinação dos royalties do petróleo e de 50% do fundo social do pré-sal para a educação, hoje em tramitação na câmara dos deputados, defendemos que os royalties dos estados e municípios também sejam vinculados à receita da educação. Além disso, estamos firmes na defesa de um PNE que aprove 10% do PIB para educação pública, luta histórica do movimento estudantil e educacional. Sendo fundamental a aprovação do substitutivo ao projeto de lei original dos royalties, que aumenta sobremaneira o volume de recursos destinados à educação brasileira.

Ocuparemos as ruas de norte a sul do Brasil na Jornada de Lutas em Agosto em defesa da educação, com a mesma coragem cultivada em todos os momentos pela juventude brasileira desde a luta por democracia, com a garra e irreverência que contagiou as ruas do país neste último período. Em defesa da educação e da democracia gritaremos ainda mais alto, ferve no Brasil o anseio por transformações profundas e das ruas brota a força capaz de fazer do Brasil um país justo, solidário, soberano e democrático. Muitos junhos virão!